



Corte de créditos à América Latina é uma medida drástica, adverte Rockefeller

FMI admite que triplicará recursos para endividados

Washington — Diante do desequilíbrio da economia global e do agravamento da crise da dívida externa, o Fundo Monetário Internacional triplicará seus recursos para as nações mais pobres e desempenhará um papel-chave na coordenação das economias dos países industrializados, disse um alto funcionário do FMI.

A situação das nações em desenvolvimento endividadas, "apesar de seus esforços, piorou em 1986 devido à deterioração das condições do intercâmbio", entre outros fatores, assinalou o funcionário.

"A situação desses países torna-se cada vez mais difícil", acrescentou. "Há desalento e uma crescente recalcitrância em realizar ajustes estruturais quando se toma consciência da magnitude dos esforços e dos magros recursos de financiamento disponíveis".

Problemas

"Há no mundo muitos problemas e pouco crescimento", salientou o funcionário, que pediu para não ser identificado. Com relação aos países mais pobres, o FMI pretende triplicar os recursos de seus Fundo de Ajustes Estruturais (FAE) "que agora conta com 3 bilhões de Direitos Especiais de Saque (3,9 bilhões de dólares), o que é totalmente insuficiente".

O FAE financia em condições privilegiadas os programas de ajuste estrutural das nações de menor desenvolvimento do mundo. "Será tentado um compromisso até o fim de ano" sobre esse aumento dos recursos, disse o funcionário, acrescentando que cabe às nações industrializadas tomar a decisão de contribuir para o Fundo.

A conferência econômica de cúpula de Veneza "convidou o Clube de Paris a reprogramar as dívidas dos países que têm programas com o FMI, concedendo 10 anos de carência e 20 anos para pagar".

Ajuste

Algumas das nações industrializadas anunciaram que cancelarão os juros de seus créditos, outras os reduzirão e algumas "vacilaram", assinalou. Desse modo, se a um determinado país "é possível seguir um programa de ajuste durante anos, com um forte compromisso político, a comunidade internacional será capaz de reagir vigorosamente", prestando-lhe o necessário apoio, acrescentou.

No entanto, as nações industrializadas "sabem que não há solução para o endividamento se não se injetar suficiente crescimento" na economia mundial. Daí a necessidade de coordenar políticas econômicas levando

em conta as necessidades do mundo em desenvolvimento.

"Há nisso um elemento de solidariedade", observou o alto funcionário do FMI.

A conferência do Grupo dos Sete em Veneza, no começo deste mês, produziu pela primeira vez na história "um sistema coerente de supervisão e coordenação" das economias dos países industrializados, disse o funcionário.

Roteiro

Nesse sistema caberá ao FMI o papel crucial de traçar um roteiro a prazo médio, com alternativas e um caminho ideal para as economias do Grupo dos Sete — Alemanha Ocidental, Canadá, Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, Itália e Japão — utilizando os indicadores básicos de seu comportamento e tornando pública as conclusões no relatório anual do FMI sobre perspectivas da economia mundial.

Uma iniciativa totalmente nova foi ter se pedido ao FMI que elabore indicadores não apenas para o Grupo dos Sete, mas também que estude as interações multilaterais, as inconsistências mútuas e as implicações das projeções para o resto do mundo, especialmente as nações em desenvolvimento", acrescentou.